

## THE NAME ON EVERYBODY'S LIPS IS GONNA BE SALLY: A CARACTERIZAÇÃO DO JORNALISMO NOS FILMES CABARET E CHICAGO

CALVIN DA SILVA COUSIN<sup>1</sup>; GILMAR ADOLFO HERMES<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [calvin\\_cousin@yahoo.com.br](mailto:calvin_cousin@yahoo.com.br)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [ghermes@yahoo.com](mailto:ghermes@yahoo.com)

### 1. INTRODUÇÃO

*Cabaret* e *Chicago* são filmes musicais ambientados, respectivamente, em Berlim na década de 1930 e em Chicago na década de 1920. A trilha sonora de ambos foi composta por John Kander (melodia) e Fred Ebb (letra), sendo que *Chicago* foi dirigido originalmente para a Broadway por Bob Fosse, responsável pela versão de *Cabaret* para o cinema (1972) (*Chicago* ganhou as telas em 2002, sob a direção de Rob Marshall). As tramas desenrolam-se de forma que a mídia recebe papel de destaque nas duas histórias: *Chicago* escancara os absurdos do Jornalismo sensacionalista, enquanto *Cabaret*, de maneira mais sutil, indica o papel da propaganda na ascensão do regime nazista.

*Cabaret* se passa em 1931, em Berlim. Brian Roberts (Michael York) é um professor e escritor inglês que se muda para uma pensão na cidade, onde conhece e se envolve romanticamente com Sally Bowles (Liza Minelli), uma cantora estadunidense que se apresenta no Kit Kat Klub. O Kit Kat Klub é um cabaré decrépito onde, segundo o Mestre de Cerimônias (Joel Grey), todos os artistas são magníficos e não existe espaço para os problemas e preocupações do mundo exterior. Tal colocação ignora a iminente ascensão do regime nazista no país, que é frequentemente parodiada no cabaré. Enquanto a vida de Brian e Sally é o principal elemento do filme, suas ações – progressivamente mais agressivas – acabam por cruzar, em alguns momentos, com ferramentas que auxiliaram o nazismo a tomar o poder na Alemanha. Poucas vezes se vê uma suástica, e o nome “Hitler” nunca é citado, mas a presença do regime é sentida ao longo de toda a obra: existem pichações sugestivas pelas ruas de Berlim; oficiais distribuem panfletos de propaganda para a população e espancam aqueles que os questionam; os moradores da pensão acreditam nos jornais que dizem que os judeus irão roubar seu dinheiro; a personagem Natalia (Marisa Berenson), judia, tem sua casa vandalizada.

*Chicago* conta a história de Roxie Hart (Renée Zellweger), uma moça que vivia na homônima cidade na década de 1920 com seu marido mecânico, Amos (John C. Reilly). Roxie não amava o cônjuge e sonhava em ser atriz de vaudeville, tendo como inspiração a cantora Velma Kelly (Catherine Zeta-Jones). Após arranjar um amante que jurou que a colocaria no ramo, Hart descobre que esta era apenas uma desculpa para que os dois fizessem sexo e, ao ser agredida pelo homem, acerta três tiros no mesmo. A personagem vai para a prisão, após o delegado dizer que seu caso seria um de enforcamento (ela seria a primeira mulher enforcada em Illinois). Apavorada com a ideia, a protagonista busca a ajuda do advogado Billy Flynn (Richard Gere), especialista em casos de mulheres e que nunca perdeu uma ação. Para isso, o príncipe da lábia – forma como é chamado por outros personagens do filme – vende histórias fantasiosas das assassinas à imprensa, fazendo com que todos caiam aos seus pés. Entretanto, em uma cidade onde o crime é encarado como entretenimento, Flynn avisa para

Roxie que ela seria ainda mais amada pelos jornais caso fosse enforcada, pois as vendas aumentariam.

Tendo em vista tais enredos, a presente pesquisa busca responder a pergunta: de que modo o Jornalismo – e os jornalistas – são representados em *Cabaret* e *Chicago*? Para tanto, será realizada uma análise fílmica, de acordo com VANOEY e GOLIOT-LÉTÉ (2012). Sobre as maneiras como o Jornalismo é retratado no cinema, utiliza-se como base os estudos de PAIVA (2007) e TRAVANCAS (2001). Sobre o tratamento dos jornalistas em *Chicago*, cita-se a obra de AMBRÓSIO et al. (2014). Ainda, é importante salientar que, no que se refere ao Jornalismo, o principal produto seria a notícia, não a ficção, e esta deveria tratar de assuntos que apresentem interesse para a sociedade (TRAQUINA, 2004), algo que não é necessariamente praticado pelos jornalistas nas obras.

Com a pesquisa, pretende-se lançar luz sobre más práticas do Jornalismo que devem ser evitadas pelos profissionais, pois, conforme RAVANELLO (2005), ao se relacionar uma área de conhecimento com o cinema, obtém-se um material didático sobre o assunto pautado que pode ser bastante útil. Tal noção ganha destaque quando se aborda o Jornalismo, por ser um elemento interessante para se contar histórias, ao investigar problemas, localizar suas causas e buscar soluções (TARAPANOFF, 2011).

## 2. METODOLOGIA

Por abordar duas obras cinematográficas, o método será pautado, sobretudo, como análise fílmica, ainda que apresente algumas características de estudo de caso. A determinação de uma pesquisa como estudo de caso, segundo VENTURA (2007), se dá através da escolha de um objeto de estudo de interesse e “visa à investigação de um caso específico, bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações” (VENTURA, 2007, p. 384). Deste modo, pode-se observar a necessidade de, além de explorar o enredo de *Cabaret* e de *Chicago*, reconhecer o contexto histórico e social no qual as obras foram produzidas, para que se compreendam suas tramas e as representações da mídia nelas presentes da forma mais proveitosa possível, pois “analisar um filme é também situá-lo num contexto, numa história” (VANOYE e GOLIOT-LÉTÉ, 2012, p. 21).

Segundo VANOEY e GOLIOT-LÉTÉ (2012, p. 14), “a análise fílmica significa duas coisas: a atividade de analisar, e também pode significar o resultado dessa atividade, isto é, com algumas exceções, um texto”. Respectivamente, os significados de análise representam o meio e o relatório final do trabalho. Para os autores:

Analizar um filme ou um fragmento é, antes de mais nada, [...] decompô-lo em seus elementos constitutivos. É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente “a olho nu”, uma vez que o filme é tomado pela totalidade. Parte-se, portanto, do texto fílmico para “desconstruí-lo” e obter um conjunto de elementos distintos do próprio filme. (VANOYE e GOLIOT-LÉTÉ, 2012, p. 14-15)

Compreender o cenário histórico e social em que as tramas se passam é necessário para quebrar seu conteúdo em fragmentos, atividade fundamental da análise fílmica. Após reconhecer as características aproveitáveis para a pesquisa, é preciso estabelecer ligações entre as partes isoladas (VANOYE e GOLIOT, LÉTÉ, 2012) e a fundamentação teórica, o que culmina no objetivo principal do trabalho. Por si só, estudos de caso podem apresentar características de análises

fílmicas – como, por exemplo, o estudo de um objeto com profundidade – e vice-versa, justificando o uso e a aplicação de tais metodologias para a elaboração da pesquisa. Deste modo, *Cabaret* e *Chicago* foram assistidos diversas vezes pelo autor, que anotou as sequências de maior interesse. Em seguida, foi realizado um levantamento sobre o *background* criativo de ambos os filmes, de modo a se compreender o contexto em que foram concebidos. Por fim, as características observadas e anotadas foram relacionadas com o referencial teórico obtido através de pesquisas prévias em ferramentas de busca.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a análise e a consulta ao referencial, foi possível observar diversas facetas da representação jornalística nos filmes. Ao serem retratados no cinema, o Jornalismo e a mídia, de modo geral, reforçam a ideia de que ocupam lugar central nas tramas sociais, políticas e econômicas, por serem poderosos formadores de opinião, ainda que tal retrato, ocasionalmente, não seja “digno de afetos elevados” (PAIVA, 2007, p. 3). Enquanto filmes como *Spotlight* (Tom McCarthy, 2015) e *Todos os Homens do Presidente* (Alan J. Pakula, 1976) apresentam jornalistas que lutam para difundir assuntos de interesse público – característica fundamental do Jornalismo (TRAQUINA, 2004) –, outras obras, como *A Montanha dos Sete Abutres* (Billy Wilder, 1951), abordam personagens com pouca ética ou que tentam, a qualquer custo, criar um acontecimento para produzir uma notícia (PAIVA, 2007). Da mesma forma como no último filme citado, pode-se dizer que *Cabaret* e *Chicago* não apresentam os jornalistas e o Jornalismo, em si, como figuras admiráveis. No primeiro, o Jornalismo é claramente manipulado para reproduzir apenas as informações que são coniventes com o nazismo, enquanto no segundo os jornalistas prestam atenção apenas aos casos mais sensacionalistas (a moça que matou o amante perde todo o atrativo no momento em que outra moça mata o marido e o advogado). PAIVA (2007) ainda aponta que a sétima arte, frequentemente, produz obras sobre a histeria que as pessoas adquirem para alcançarem a fama e a visibilidade nos campos midiáticos, algo notável em ambos os objetos de estudo. Roxie Hart está disposta a passar por cima de tudo e de todos para virar uma estrela de *vaudeville*, enquanto Sally Bowles não liga para as mazelas que acontecem ao seu redor, apenas para a sua própria diversão.

TRAVANCAS (2001) acredita que, no que se refere ao Jornalismo no cinema, os profissionais da área escalam entre personagens que agem como heróis e como vilões, uma vez que “de um lado, o jornalista é responsável por todo o bem, de outro por todo o mal” (p. 4). De acordo com a autora, os heróis seriam aqueles que prezam pelos interesses da população e defendem a democracia e a verdade, se aproximando dos princípios originais do Jornalismo. Os vilões, por sua vez, não medem esforços para atingirem seus objetivos e colocam suas carreiras antes de tudo e de todos. Logo, enquanto em *Cabaret* os jornalistas que difundem as ideias nazistas são, indubitavelmente, vilões, os profissionais de *Chicago* talvez mereçam outra denominação.

No filme, os jornalistas publicam e reproduzem informações sem antes checarem a procedência das palavras de suas fontes (AMBRÓSIO et al., 2014). Os jornais não são apresentados como compêndios da verdade, mas como relatores de uma simples versão dos acontecimentos, de modo que contribuem para a percepção de novas realidades, ainda que sejam falsas ou demasiadamente exageradas. “No filme *Chicago*, percebemos que, apesar de fazerem seu trabalho de ouvir as fontes, os jornalistas não comprehendem que

estas manipulavam as informações" (AMBRÓSIO et al. 2014, p. 9). O filme classifica os jornalistas como manipulados pelos entrevistados, sendo chamados de "ingênuos" e "panacas" (AMBRÓSIO et al., 2014), contribuindo para a formação de uma visão negativa acerca dos profissionais.

#### 4. CONCLUSÕES

Esta pesquisa propôs uma análise filmica da representação do Jornalismo nos filmes *Cabaret* e *Chicago*. Como foi possível observar, ambas as obras apresentam retratos bastante característicos e negativos do Jornalismo. Os códigos deontológicos da profissão, segundo TRAQUINA (2004), indicam que os jornalistas servem como protetores da verdade e do interesse público, uma faceta que frequentemente encontra espaço em obras cinematográficas. A análise dos filmes em questão, por sua vez, deve servir como conto preventivo, para incentivar a autocritica por parte dos profissionais antes de tomarem atitudes potencialmente antiéticas.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBRÓSIO, M. C.; GAVIRATI, V. F.; SILVEIRA, G. S.. Cinema e Jornalismo: a representação da prática jornalística nos filmes *Chicago* e *O Grande Milagre*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 37., 2014, Foz do Iguaçu. **Anais...** Foz do Iguaçu: UNICENTRO, 2014.

FOSSE, Bob. **Cabaret**. Los Angeles: Allied Artists, 1972. 1 DVD (124 minutos).

MARSHALL, Rob. **Chicago**. Nova York: Miramax, 2002. 1 Blu-Ray (113 minutos).

PAIVA, C. C. Os jornalistas, a televisão e outras mídias no cinema: um estudo de ética e representação na arte cinematográfica. **Revista FAMECOS** [da] Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, n. 32, p. 89-96, abr. 2007.

RAVANELLO, R. B. O Cinema como Prática Social. In: **Encipecom: enciclopédia do**, 2005.

TARAPANOFF, F. Jornalismo no cinema: imagens e representações. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. **Anais...** Recife: UNICAP, 2011.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004.

TRAVANCAS, I. Jornalista como personagem de cinema. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: UNIDERP, 2001.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio Sobre a Análise Fílmica**. 7. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. 143 p. Tradução de: Marina Appenzeller.

VENTURA, M. M. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista SoCERJ**, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007.